



BOFF. Clodovis Maria; RASERA. Leandro (Org). *A crise da Igreja Católica e a Teologia da Libertação*. São Paulo: Ecclesiae, 2023. 174p. ISBN: 9788584911684.

Walace Alexander A. Cruz *

ORCID <https://orcid.org/0009-0005-2373-2612>

Frei Clodovis Boff se notabilizou por sua contribuição na elaboração metodológica e sistemática da Teologia da Libertação (Tdl), em sua perspectiva brasileira. Ordenado sacerdote em 1971 — mesmo ano em que Gustavo Gutierrez publicava a obra-fundadora *Teologia da Libertação* — conquistou seu grau de doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Foi professor em diversas instituições universitárias no Brasil, aqui citamos, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis e, em Roma na Pontifícia Faculdade Marianum. Escritor prolixo, Clodovis Boff se consagrou no contexto teológico-acadêmico com a volumosa obra de referência *Teoria do Método Teológico* (1998), além de escritos que foram contributivos para o *quefazer* da Tdl, especialmente, *Como fazer Teologia da Libertação* (1986), escrito em parceria com o irmão, Leonardo Boff.

A obra em análise foi organizada pelo Pe. Leandro Raserá Adorno, presbítero na Arquidiocese de São Paulo, Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-SP, veio a público suscitando polêmicas, debates e reações. Isto porque, em seu bojo a publicação contém duras críticas do A. à Tdl. A obra está dividida em três partes: 1. *A crise da Igreja Católica e a Teologia da Libertação*, com dois subtópicos, 1.1. O declínio atual da Igreja Católica, 1.2. A Teologia da Libertação e o declínio da Igreja na América Latina e no Caribe; 2. *Debate sobre a Teologia da Libertação*, com uma introdução e, também, dois subtópicos, 2.1. Teologia da Libertação e volta ao fundamento, 2.2. Volta ao fundamento: réplica. Observamos que este segundo capítulo traz dois artigos do A. publicados na Revista

* Doutorando em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Bolsista CAPES/PROEX.

Eclesiástica Brasileira (REB), de 2007-2008, que à época causaram grande repercussão e reações contundentes de teólogos proeminentes da Tdl, como José Comblin, João Batista Libânio e o próprio irmão do autor, Leonardo Boff. Por fim, a terceira parte reproduz a entrevista do A. ao jornal *Folha de São Paulo*, em 11 de março de 2013 cujo teor é a defesa de Bento XVI e a crítica à Tdl.

Na primeira parte da obra o A., de saída, propõe a tese que é o fio-condutor de sua reflexão/crítica, a de que a Tdl deslocou seu centro de Jesus Cristo para o pobre. Cita Romano Guardini que acentuou, “a essência da Igreja é Cristo” (p. 21). Nas palavras do próprio A., “se a Igreja vive de Cristo, ela será tanto mais Igreja quanto mais fé e amor tiver em relação a Cristo” (p. 21). Tais apontamentos iniciais querem subsidiar a tese seminal que se constitui na crítica à Tdl, ou seja, que ela deslocou a centralidade de Jesus Cristo no seu *modus operandi*. No entender do A., na produção da Tdl há uma teologia cada vez mais esvaziada do *Theo* que deveria ser seu ser (“objeto”) central, ou ainda, a elaboração de um cristianismo que não tem como escopo o próprio Cristo; não apenas como seu fundador-fundamento, mas como seu centro-objetivo. Ao deslocar Jesus Cristo do centro, a Tdl, aponta o A., perde de vista o elemento principal e missional do *quefazer* teológico, “o anúncio de Cristo [...] a experiência da fé” (p. 26).

Para que sua crítica tenha sustentação não apenas teológica/teórica, mas empírica/objetiva, o A. cita exemplos do que, para ele, se constitui evidências da “mudança de centro na Igreja” (p. 28). No *Sínodo da Amazônia* (2019) aponta os quatro sonhos enumerados no documento que foi fruto do evento, o *Querida Amazônia*: social, cultural, ecológico e, por fim, eclesial (p. 28). Para o A. em toda a missão da Igreja, o elemento cristocêntrico/eclesial deveria “primeirar”. Na Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) de 2021, nota que dos doze desafios propostos, o religioso aparece apenas em penúltimo lugar. Pondera que, “a preocupação social sobressai também nos documentos dos outros organismos da Igreja, regional ou universal que seja [...] Poucos falam das questões mais profundas relativas à relação com Deus, com a escuta da Palavra, o crescimento da fé e a pregação do Evangelho, causas essas apenas aludidas, quando não eludidas” (p. 29).

Deve-se ressaltar que o A., todavia, não nega a importância da Tdl no que tange ao seu valor profético e à preocupação com a qual se ocupa e para a qual quer despertar a Igreja: a integralidade do mistério cristão que abarca, inclusive, a dimensão libertadora socioeconômica da pessoa humana. O A. cita S. João Paulo II, na *Carta aos Bispos do Brasil*, “a teologia da libertação é oportuna, útil e necessária” (p.68). Recordando o Vaticano II, “a esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrestres, mas antes apoia seu cumprimento com novos motivos” (p. 38). E evoca Bento XVI que em seu discurso inaugural na Conferência de Aparecida pontuou, “a

opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica” (p. 53). Mas, observa o A. que, “tal opção, porém, não é o componente originário e principal, mas segundo e derivado” (p. 53).

O A. chama a atenção para o que deve ser a “Agenda I e Agenda II” da teologia, “Agenda I da teologia, como a que versa sobre os ‘mistérios’ perenes da fé, e a Agenda II, como a que se ocupa com os ‘problemas’ transitórios de um tempo” (p. 36), o problema para o qual o A. aponta, é que “a pesquisa teológica atual se concentra quase exclusivamente nessa segunda agenda” (p. 36). No entender do A., “a teologia da libertação aparece como deve ser: uma teologia dimensional, e não teologia total ou integral, como pretendia, de modo equivocado, a Tdl” (p. 68). O problema reside no fato de que a “conversão social” tomou a frente da “conversão espiritual”. O viés “sociocêntrico” (p. 29) desmantelou o que é essencial, o estofo cristocêntrico. Apelando à Sagrada Escritura, o A. recorda que na Igreja, a preocupação primeira deve ser a dedicação à oração e a Palavra (At 6,4), pois, “não convém que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas” (At 6,2). Quer dizer, no entender do A., há uma hierarquia de prioridades. É imprescindível uma distinção do que é de ordem principal e de ordem segunda (p. 53).

O A., observa, “não se trata aqui, de modo algum, de voltar a opor e sequer justapor fé e vida, evangelização e libertação social. O pobre é, sem sombra de dúvida, componente essencial da fé em Cristo” (p. 53). Todavia, não se sobrepõe ao próprio Cristo, como *múnus* do anúncio cristão, defendia S. Paulo, “nada propus saber entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2). Daí, o apelo do A., “o dever primeiro da Igreja não é matar a ‘fome de pão’, que para isso existem o Estado e a sociedade organizada, mas matar a ‘fome de Deus’ que todo ser humano sente em seu profundo” (p. 53). Ora, se a Igreja encerra sua missão nas questões de que já se ocupam órgãos estatais, ongs, organizações filantrópicas etc., em que ela se singulariza? Ou, o que ela teria a oferecer ao ser humano que o próprio humano já não o ofereceria por si mesmo? O evangelho anuncia a preocupação de Jesus Cristo com as multidões que têm fome (Mc 6,34-42), todavia, é o mesmo evangelho que anuncia, a maior fome humana não é de pão, mas da Palavra de Deus (Mt 4,4). É imprescindível matar a fome do povo oprimido que tem fome de pão. Mas, é plenamente possível saciar a fome do nosso povo sofrido de pão, e não notar que eles ainda assim continuam sofrendo, com fome de Deus. Para o A. a Igreja tem se tornado eficiente no trabalho social e deficiente no espiritual. Sobeja na oferta do pão material, carece da substância do Pão que desceu do céu (Jo 6,33). Daí o porquê da evasão massiva que sofre a Igreja Católica, sobretudo, para as igrejas pentecostais que se apresentam como um tipo de *fast food* espiritual. O A. recorda, inclusive, que na Amazônia, os pentecostais já superaram em número os católicos (p. 28), o que sinaliza para um fenômeno crescente cuja proporção converge para uma iminente realidade nacional.

Na segunda parte, em ambos os artigos supracitados, outrora publicados na REB, o A. retoma sua tese seminal, a de que no transcorrer da Tdl, o pobre ocupou o lugar de Jesus Cristo. Ocorre uma crítica a Jon Sobrino, como exemplo deste desvio da Tdl, segundo este, “os pobres dão a direção fundamental à fé”, ou ainda, são eles, “o lugar mais decisivo da teologia” (p. 83). A refutação se fundamenta no argumento de que é o Deus revelado em Jesus Cristo o fundamento e lugar mais decisivo da teologia. O A., defende que a definição do fundamento no *modus operandi* da teologia tem importância fulcral. Ou seja, a resposta à pergunta *qual é afinal o fundamento último da teologia*, permeia todo o *quefazer* do teólogo/a. Portanto, é uma *questio magna*. Por isso, o A. insiste no que denomina de *senhorio epistemológico* de Jesus Cristo (p. 97). Apela a S. Paulo, “ninguém pode pôr outro fundamento além daquele que está posto, Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Para o A. do princípio-Cristo emerge o cristianismo, do princípio-pobre, o pobrismo (p.123). A importância *magna* de definir Jesus Cristo como fundamento primeiro, para o A., reside no fato de que, “a primazia sustenta todas as outras” (p. 114). Ademais, “do Cristo se chega ao pobre, do pobre não necessariamente se chega ao Cristo” (p. 128). O próprio Papa Francisco, felizmente, tornou-se um paradigma da necessidade de “conversão” da Igreja aos pobres. Mas é de salutar importância se perguntar, a Igreja já se converteu a Jesus Cristo? E os pobres a quem a Igreja se converteu, têm sido, como âmago da missão, convertidos a Jesus Cristo? (Mt 28,19; Mc 16,15).

Na terceira parte, na entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, não encontramos nada além do que já fora exposto nas partes anteriores, todavia, de modo mais suscinto e popular. É cabível assinalar que o A. afirma, “não rompi, não quero e nem posso romper com a causa de fundo da Tdl. É uma questão de coerência com a fé e com a vocação escatológica. Já com respeito ao modo como tal causa foi implementada na atual Tdl [...] tomo distância. E a razão é de fundo: nessa corrente não vejo mais garantido, em geral, o fundamento de toda a teologia: o Cristo da fé” (p. 112). Fica a encargo do leitor, em última instância, julgar a tese, afirmações e argumentações do A. Todavia, a meu ver, é pertinente, no mínimo, o alerta para o perigo sempre presente da instrumentalização da fé cristã em função ou, a pretexto de libertar o pobre (*nobilis causa*). Basta-nos tomar como exemplo, o arsenal de igrejas católicas/protestantes que se tornaram curral político-partidário de padres/pastores que transvestidos de teólogos são na realidade, ideólogos.

Submetida em 13.03.24 aprovada em 19.04.24